

TABITHA SUZUMA



# Proibido

Como  
uma coisa tão  
*errada*

pode  
parecer tão  
*certa?*

Proibido



---

## *Premiações da Autora*

---

YOUNG MINDS BOOK AWARD

DEUTSCHER JUGENDLITERATURPREIS FOR PREIS DER JUGENDJURY (*Finalista*)

PREMIO SPECIALE CARIPARMA FOR EUROPEAN LITERATURE

TIMES EDUCATIONAL SUPPLEMENT NASEN BOOK AWARD

BRANFORD BOASE BOOK AWARD (*Finalista*)

UKLA BOOK AWARD (*Finalista*)

LANCASHIRE BOOK OF THE YEAR AWARD (*Finalista*)

STOCKPORT SCHOOLS' BOOK AWARD

CARNEGIE MEDAL (*Finalista*)

WATERSTONE'S BOOK PRIZE (*Finalista*)



TABITHA SUZUMA



# Proibido

*Tradução*

HELOÍSA LEAL

valentina 

Rio de Janeiro, 2014

1ª Edição



Copyright © 2010 by Tabitha Suzuma  
Publicado mediante contrato com Random House Children's Publishers UK

TÍTULO ORIGINAL  
*Forbidden*

CAPA  
Raul Fernandes

FOTO DE CAPA  
Ilona Wellmann/Trevillion Images

DIAGRAMAÇÃO  
editoriarte

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S972p

Suzuma, Tabitha

Proibido / Tabitha Suzuma; tradução Heloísa Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2014.  
304p. ; 23 cm.

Tradução de: Forbidden  
ISBN 978-85-65859-36-3

1. Romance inglês. I. Leal, Heloísa. II. Título.

14-13933

CDD: 813  
CDU: 821.111-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 - Copacabana  
Rio de Janeiro - 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Para Akiko, com amor*



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de poder dizer que escrever *Proibido* foi fácil. Mas não foi. Na verdade, deve ter sido a coisa mais difícil que já fiz na vida... Portanto, devo profundos agradecimentos a todos aqueles que me ajudaram e apoiaram durante essa jornada difícil. Em primeiro lugar, o livro jamais teria existido se não fosse pela paixão e a confiança inabalável de meu editor, Charlie Sheppard, que não apenas lutou por sua criação, como continuou a lutar para mantê-lo vivo, nas várias ocasiões em que eu quis desistir. Também gostaria de oferecer meus mais sinceros agradecimentos a Annie Eaton, que foi uma grande incentivadora e continuou acreditando plenamente em mim e no livro. As editoras Sarah Dudman e Ruth Knowles trabalharam com grande afínco e sou muito grata por sua paciência, experiência e dedicação. Meu agradecimento também se estende a Sophie Nelson e à equipe de design gráfico pela inestimável contribuição.

Sou especialmente grata pelo fantástico apoio de minha família. Minha mãe não apenas revisa meus livros incansavelmente em todos os estágios, como também me ajuda a encontrar tempo e energia para escrevê-los. Tansy Roekaerts faz críticas construtivas de todos os meus livros e sempre sabe como me ajudar quando me sinto perdida. Tiggy Suzuma é o orgulho da minha vida e consegue fazer com que eu ria durante os momentos difíceis e não leve tudo a sério demais. Também conto com a opinião inestimável de Thalia Suzuma, além de sua ajuda prática e orientação profissional. Finalmente, tenho sorte de ter como melhor amiga Akiko Hart, que, não apenas me ajuda a escrever, como, principalmente, a viver.



*Você pode fechar os olhos para as coisas que não  
quer ver, mas não pode fechar o coração para  
as coisas que não quer sentir.*

Anônimo






## LOCHAN

Observo as casquinhas pretas, secas, esturricadas que se espalham pela tinta branca descascada dos parapeitos. É difícil acreditar que já tenham estado vivas. Imagino como seria ficar trancado nessa caixa de vidro sem ar, assando lentamente por dois longos meses sob o sol implacável, vendo o mundo exterior – o vento sacudindo as árvores verdes bem à sua frente –, e você se atirando sem parar contra a parede invisível que te isola de tudo que é real, está vivo e é necessário até por fim se render, queimado, exausto, esmagado pela impossibilidade da tarefa. A que altura uma mosca desiste de tentar fugir por uma janela fechada? Será que o instinto de sobrevivência a leva a insistir até não ser mais fisicamente capaz, ou ela finalmente aprende, depois da enésima trombada, que não há saída? A que altura você decide que já chega?

Desvio os olhos das pequenas carcaças e tento me concentrar na teia de equações do 2º Grau que enchem o quadro. Uma fina camada de suor cobre minha pele, grudando os fios de cabelo à testa, colando a camisa do uniforme ao corpo. O sol jorra pelas janelas de tamanho industrial a tarde inteira, e eu fico aqui, feito um idiota, sentado nesse solão de rachar, meio cego pelos raios violentos. O sulco da cadeira de plástico machuca minhas costas porque eu sento meio inclinado, com uma perna esticada para frente, o calcanhar apoiado na calefação baixa que se estende ao longo da parede. Os punhos da camisa pendem frouxos em torno dos pulsos, manchados de tinta e sujeira. A folha vazia me encara, branca de doer, enquanto resolvo as equações numa caligrafia letárgica, quase ilegível. A caneta desliza entre meus dedos pegajosos; tiro a língua do céu da boca e tento engolir. Não



consigo. Estou sentado assim há quase uma hora, mas sei que é inútil tentar encontrar uma posição mais confortável. Levo um tempão para fazer as contas, inclinando a ponta da caneta que trava no papel e faz um leve som arranhado – se eu terminar logo, não vou ter nada para fazer além de ficar olhando para moscas mortas. Minha cabeça dói. O ar está pesado, saturado da transpiração de trinta e dois adolescentes espremidos numa sala quente demais. Um peso no meu peito torna difícil respirar. É muito mais do que essa sala árida, esse ar estagnado. O peso apareceu na terça-feira, no momento em que atravessei os portões da escola para enfrentar mais um trimestre. A semana ainda nem tinha acabado, e eu já me sentia como se estivesse aqui por toda a eternidade. Entre os muros desse lugar, o tempo escorre feito cimento. Nada mudou. As pessoas ainda são as mesmas – rostos vazios, sorrisos desdenhosos. Olho para além delas quando entro na sala de aula e elas olham para além de mim, através de mim. Estou aqui mas não estou aqui. Os professores me dão presente na chamada mas ninguém me vê, pois há muito me aperfeiçoei na arte de ser invisível.

Temos uma nova professora de inglês, a Srta. Azley. Uma moça inteligente da Austrália, com uma cabeleira crespa presa por um lenço estampado nas cores do arco-íris, pele bronzeada e enormes argolas douradas nas orelhas. Ela parece um peixe fora d'água numa escola cheia de professores de meia-idade cansados de guerra, os rostos vincados por rugas de amargura e desencanto. Sem dúvida, algum dia, como essa gorduchinha tagarela da Austrália, eles entraram na profissão cheios de esperança e energia, determinados a fazer uma diferença, seguir o conselho de Gandhi e ser a mudança que queriam ver no mundo. Mas agora, após décadas de regulamentos, burocracia interna e táticas de controle de multidão, a maioria já pendurou as chuteiras e está só aguardando a aposentadoria precoce, o chá com biscoitos na sala dos professores sendo o ponto alto do seu dia. Mas a nova professora não teve o benefício do tempo. Na verdade, ela não parece ser muito mais velha do que alguns dos alunos na sala. Um bando de garotos irrompe numa cacofonia de assobios até ela se virar, dando um olhar de desprezo para eles que os faz ficar sem graça e abaixar a cabeça. Mesmo assim, quando ela manda que todos arrumem as carteiras em semicírculo, começa o maior corre-corre, e com todos aqueles empurrões, lutas, mesas batidas e cadeiras arrastadas, ela tem sorte que ninguém se machuque. Apesar do tumulto, a Srta. Azley continua

impassível – quando todo mundo finalmente senta, ela dá uma olhada no círculo malfeito e abre um largo sorriso.

– Melhorou. Agora posso ver todos vocês direito, e vocês a mim. No futuro, espero que já deixem a sala preparada antes de eu chegar, e não se esqueçam de pôr as carteiras novamente no lugar no fim da aula. Qualquer um que eu pegar saindo antes de fazer a sua parte vai ficar encarregado da disposição das carteiras durante uma semana. Fui clara? – Sua voz é firme, mas não parece cruel. Seu sorriso sugere que ela é até capaz de ter senso de humor. Para nossa surpresa, não se ouve um resmungo ou queixa dos baderneiros incorrigíveis.

Então, ela anuncia que devemos nos apresentar. Depois de falar de sua paixão por viagens, seu novo cachorro e o emprego anterior em publicidade, ela se vira para a menina à direita. Disfarçadamente, empurro o mostrador do relógio para o lado interno do pulso e fixo os olhos nos segundos que fogem. Passei o dia inteiro esperando por isso – o último período – e, agora que chegou, mal consigo aguentá-lo. Um dia inteiro contando as horas e as aulas, e agora, que só restam minutos, eles parecem intermináveis. Faço contas de cabeça, calculando o número de segundos que faltam até a campanha tocar pela última vez. Num susto, percebo que Rafi, o idiota à minha direita, está soltando o verbo sobre astrologia – quase todo mundo na sala já fez sua apresentação. Quando ele finalmente para de falar sobre constelações, faz-se um súbito silêncio. Levanto o rosto e vejo que a Srta. Azley está olhando para mim.

– Eu passo. – Examino a unha do polegar e murmuro a resposta automática de sempre antes de levantar os olhos.

Mas, para meu horror, ela não pegou a deixa. Será que não leu a minha ficha? Ela ainda está olhando para mim.

– Desculpe, mas poucas atividades na minha aula são opcionais – informa. Risinhos no grupo de Jed.

– Então, vamos passar o dia inteiro aqui.

– Ninguém te contou? Ele não fala inglês...

– Ou qualquer outro idioma. – Risos.

– Talvez fale marciano!

A professora os silencia com um olhar.

– Desculpe, mas não é assim que as coisas funcionam na minha aula.

Segue-se outro silêncio. Fico brincando com o canto do bloco, os olhos da turma queimando meu rosto. O tique-taque regular do relógio na parede é abafado pelo meu coração palpitando.

– Por que não começa me dizendo seu nome? – A voz dela se abrandou um pouco. Demoro um segundo para entender a razão. Então percebo que minha mão esquerda parou de brincar com o bloco e está tremendo em cima da folha em branco. Trato de escondê-la depressa debaixo da mesa, murmuro meu nome e dou um olhar cúmplice para o meu vizinho. Ele vai logo começando seu monólogo sem dar tempo à professora para protestar, mas posso ver que ela voltou atrás. Agora ela sabe. A dor no peito diminui e o rosto para de arder. O resto da aula é dedicado a um debate intenso sobre os méritos de estudar Shakespeare. A Srta. Azley não me convida para participar.

Quando os gritos da campainha finalmente ecoam no interior do prédio pela última vez, a turma se dissolve no caos. Fecho o livro com força, enfio-o na mochila, levanto e saio da sala depressa, mergulhando no turbilhão da hora de ir para casa. Por toda a extensão do corredor, alunos superexcitados jorram das portas, aumentando a corrente humana, e eu lá, levando mil esbarrões e pancadas de ombros, cotovelos, mochilas, pés... Consigo descer um lance de escadas, depois outro, e já estou quase na secretaria quando sinto alguém pousar a mão no meu braço.

– Whitely. Só um instante.

Freeland, nosso orientador vocacional. Sinto os pulmões soltarem o ar.

O professor grisalho com o rosto magro e enrugado me leva até uma sala vazia, indica uma carteira e então, constrangido, se encosta à beira de outra.

– Lochan, como tenho certeza de que você já sabe, este é um trimestre muito importante para você.

O discurso do A-Level\* novamente. Balanço de leve a cabeça, me obrigando a enfrentar os olhos do professor.

– E também é o começo de um novo ano letivo! – anuncia Freeland em tom entusiasmado, como se eu precisasse ser lembrado desse fato. – Novos começos. Uma nova vida... Lochan, sabemos que nem sempre você acha as

---

\* Advanced Level: espécie de vestibular feito por alunos na Inglaterra, no País de Gales e na Irlanda do Norte ao completarem 18 anos. (N. da T.)

coisas fáceis, mas estamos esperando grandes realizações de você neste período. Você sempre foi um excelente aluno de língua inglesa, mas, agora que está no último ano, esperamos que nos mostre do que é capaz em outras áreas.

Outro aceno de cabeça. Uma olhada involuntária na porta. Não sei se gosto do rumo que a conversa está tomando. O Sr. Freeland solta um suspiro pesado.

– Lochan, se quer entrar na University College, é fundamental, como já sabe, que comece a ter uma participação mais ativa nas aulas...

Volto a assentir.

– Entende o que estou dizendo?

Pigarreio.

– Entendo.

– Participação em classe. Entrar nas discussões de grupo. Contribuir para as aulas. Responder quando lhe fizerem perguntas. Levantar a mão de vez em quando. É só o que lhe pedimos. Suas notas sempre foram impecáveis. Não temos quaisquer queixas nesse sentido.

Silêncio.

Minha cabeça está doendo de novo. Por quanto tempo mais será que isso vai se arrastar?

– Você parece distraído. Está prestando atenção no que estou dizendo?

– Estou.


– Ótimo. Olhe, você tem um grande potencial e não queremos que o desperdice. Se precisar de ajuda novamente, você sabe que podemos arranjar...

Sinto o rosto começar a arder.

– N-não. Está tudo bem. Sinceramente. Mas obrigado pela oferta. – Pego a mochila, passo a alça pela cabeça, cruzando-a no peito, e me dirijo para a porta.

– Lochan – chama o Sr. Freeland quando saio. – Pense no assunto.

Até que enfim. Estou indo para Bexham, a escola logo se tornando invisível às minhas costas. Acabaram de dar quatro horas, mas o sol ainda está castigando, a luz branca e brilhante batendo na lataria dos carros que a reflete em raios desconexos, o calor cintilando sobre o asfalto. A rua é dominada pelo trânsito, fumaça de canos de descarga, berreiro de buzinas, crianças saindo de escolas e uma barulheira generalizada. Estou esperando por esse momento desde que o despertador me arrancou do sono hoje de manhã, mas, agora que finalmente chegou, sinto um vazio tão estranho. Como se fosse criança de novo, descendo a escada depressa, só para descobrir que Papai Noel se esqueceu



de deixar nossos presentes – que Papai Noel, na verdade, é apenas a bêbada deitada no sofá da sala, inconsciente, cercada por três amigos. Eu estava tão obcecado em vir embora da escola que até esqueci o que fazer, agora que consegui fugir. A euforia que esperava não se materializou e estou me sentindo perdido, nu, como se estivesse antecipando algo maravilhoso, mas de repente esquecesse o que era. Caminhando pela rua, zigzagueando por entre a multidão, tento pensar em alguma coisa – qualquer coisa – para me dar esperança.

Num esforço para sair daquele estranho estado de espírito, começo a correr pelos paralelepípedos rachados da calçada, passando pela sarjeta atulhada de lixo, a brisa suave de setembro soprando os cabelos da minha nuca, os tênis de sola gasta avançando sem som pelo pavimento. Afrouxo a gravata, puxando o nó até o meio do peito, e abro os botões mais altos da camisa. É sempre bom esticar as pernas depois de um dia longo e tedioso na Belmont, driblar, tirar um fino e pular sobre as frutas e legumes esmagados que ficaram de xepa das barracas da feira. Viro a esquina e entro na ruela estreita que conheço tão bem, com suas longas fileiras de casinhas de tijolos gastos que vão se elevando gradualmente, na inclinação da ladeira.

É a rua em que moro há cinco anos. Só nos mudamos para a casa paga pelo governo depois que nosso pai embarcou para a Austrália com a nova esposa, e a nossa pensão foi cortada. Antes disso, tínhamos alugado uma casa caindo aos pedaços do outro lado da cidade, mas numa das zonas um pouco melhores. Nunca nadamos em dinheiro, pois nosso pai era poeta, mas, mesmo assim, as coisas eram mais fáceis sob muitos aspectos. Mas isso já faz muito, muito tempo. Nossa casa agora é o número 62 da Bexham Road: um cafofo de dois andares, três cômodos, de alvenaria cinza, espremido entre uma longa fileira de casas geminadas, com garrafas de Coca-Cola e latas de cerveja brotando das ervas daninhas entre o portão quebrado e a porta laranja desbotada.

A rua é tão estreita que os carros, com janelas cobertas por tábuas ou para-lamas amassados, são obrigados a estacionar com duas rodas no meio-fio, o que torna a caminhada pelo centro da rua mais fácil do que pela calçada. Chutando uma garrafa PET amassada na sarjeta, vou driblando-a pelo caminho, as pisadas do tênis e os arranhões do plástico quebrado no asfalto ecoando ao meu redor, logo acompanhados pela cacofonia de um cachorro latindo, gritos da pelada que uns garotos jogam e um reggae jorrando por uma janela aberta. A mochila se agita e bate na minha coxa, e eu sinto que

o mal-estar começa a se dissipar. Enquanto corro pelos garotos que jogam a pelada, uma figura familiar deixa as balizas para trás e eu troco a garrafa PET pela bola, driblando com a maior facilidade os baixinhos vestindo camisas grandes demais do Arsenal, enquanto eles vão me seguindo pela rua, protestando, aos gritos. O pimentinha louro mergulha na minha direção: um hippiezinho com cabelos claríssimos até os ombros, a camisa branca da escola toda manchada de sujeira e caindo frouxa por cima da calça cinza rasgada. Ele consegue ficar à minha frente e, recuando o mais rápido possível, grita, frenético:

– Pra mim, Loch, pra mim, Loch! Passa pra mim!

Aos risos, faço o que ele pede e, dando pulos vitoriosos, meu irmão de oito anos pega a bola e volta correndo para os companheiros, gritando:

– Eu tomei a bola dele, eu tomei a bola dele! Vocês viram?

Depois de bater a porta, entro no fresquinho relativo da casa e me encosto à porta para recuperar o fôlego, afastando os cabelos úmidos da testa. Em seguida, vou para o corredor estreito, meus pés automaticamente empurrando para o lado um monte de blazers, mochilas e tênis escolares que atravancam o chão. Na cozinha encontro Willa em cima da bancada, tentando alcançar uma caixa de sucrilhos no armário. Ela fica paralisada ao me ver, a mão na caixa, os olhos azuis arregalados sob a franja loura:

– Maya se esqueceu de me dar lanche hoje!

Avanço para ela, rosnando, pego-a pela cintura com um só braço e a viro de cabeça para baixo, enquanto ela dá gritinhos de terror e alegria, seus longos cabelos louros se abrindo em leque às costas. Em seguida, ponho-a sentada sem a menor cerimônia numa cadeira da cozinha e chapo na sua frente a caixa de sucrilhos, a garrafa de leite, uma tigela e uma colher.

– Só meia tigela, não mais do que isso – aviso com um dedo em riste. – Nós vamos jantar mais cedo hoje, e eu tenho um monte de deveres para fazer.

– Quando? – Willa não parece estar convencida, espalhando os sucrilhos pela mesa de carvalho arranhada que fica no centro da nossa cozinha caótica. Apesar das Regras da Casa revisadas que Maya colou na porta da geladeira, é óbvio que Tiffin não encosta nas latas de lixo transbordantes há dias, que Kit nem começou a lavar a louça do café da manhã empilhada na pia, e que Willa mais uma vez deu sumiço na sua vassoura em miniatura e só conseguiu *aumentar* a sujeira do chão já coberto de migalhas.

– Cadê mamãe?

– Ela está se vestindo.

Esvazio os pulmões com um suspiro e saio da cozinha, subindo a estreita escadinha de madeira de dois em dois degraus, ignorando o cumprimento de minha mãe, enquanto procuro pela única pessoa com quem sinto vontade de falar. Mas, quando vejo a porta aberta do quarto vazio, lembro que ela está presa em uma atividade depois da aula, e meu peito torna a se esvaziar. Volto para o som familiar de uma estação de rádio jorrando aos berros da porta aberta do banheiro.

Minha mãe está inclinada sobre a pia em direção ao espelho coberto de manchas e rachaduras, dando os últimos retoques no rímel e espanejando fiapos invisíveis da frente do vestido prateado justo. O ar está empestado de laquê e perfume. Quando ela me vê aparecer por trás do seu reflexo, sua boca pintada de vermelho se entreabre num sorriso de óbvia alegria.

– Oi, menino bonito!

Ela abaixa o rádio, se vira para mim e estende o braço para um beijo. Sem me afastar da porta, estalo um beijo no ar, um vinco de seriedade involuntário entre minhas sobrancelhas.

Ela começa a rir.

– Olha só para você... de uniforme novamente, e quase tão sujo quanto os meninos! Você precisa cortar o cabelo, meu amor. Ai, ai... posso saber por que essa cara amarrada?

Recosto-me no batente da porta, jogando o blazer no chão.

– É a terceira vez esta semana, mãe – reclamo, cansado.

– Eu sei, eu sei, mas eu não posso perder isso. Davy finalmente assinou contrato com o novo restaurante, e quer sair comigo para comemorar! – Ela abre a boca numa exclamação de prazer, mas, como minha expressão não degela, vai logo mudando de assunto: – Como foi o seu dia, amorzinho?

Esboço um sorriso irônico.

– Foi ótimo, mãe. Como sempre.

– Maravilha! – ela exclama, preferindo ignorar o sarcasmo na minha voz. Se há uma coisa em que minha mãe é mestra é cuidar da própria vida. – Em um aninho, aliás, menos, você vai ficar livre de toda essa baboseira da escola. – Seu sorriso aumenta. – E em breve vai finalmente fazer dezoito anos, e se tornar o homem da casa!

Encosto a cabeça no batente da porta. *O homem da casa*. Ela me chama assim desde que eu tinha doze anos, quando meu pai foi embora.

Virando-se de novo para o espelho, ela aperta os seios sob o corpete do vestido decotado.

– Que tal estou? Recebi meu salário hoje, e resolvi fazer umas comprinhas. – Abre um sorriso travesso como se fôssemos cúmplices nessa pequena extravagância. – Olha só essas sandálias douradas. Não são lindas?

Não consigo retribuir seu sorriso. E me pergunto quanto ela já gastou do salário mensal. Há anos que minha mãe é viciada em fazer compras para levantar o astral. Ela tenta se agarrar desesperadamente à sua juventude, à época em que sua beleza virava cabeças na rua, mas essa beleza está desaparecendo dia após dia, o rosto prematuramente envelhecido pelos anos de vida desregrada.

– Você está ótima – respondo feito um autômato.

Seu sorriso diminui um pouco.

– Lochan, por favor, não fique assim. Preciso da sua ajuda hoje. Dave vai me levar a um lugar chiquíssimo! Você conhece aquele restaurante que abriu na Stratton Road, em frente ao cinema?

– OK. OK. Tudo bem, divirta-se. – Com um esforço considerável, mudo de expressão e consigo tirar o tom de ressentimento da voz. Não há nada de tão errado assim com Dave. Da longa série de homens com quem minha mãe se envolveu desde que meu pai a trocou por uma colega de trabalho, Dave é o mais inofensivo. Nove anos mais moço do que ela e dono do restaurante onde ela agora trabalha como chefe das garçonetes, no momento ele está separado da mulher. Mas, como os namorados anteriores de minha mãe, ele parece ter a mesma ascendência estranha sobre ela que todos os homens têm, o mesmo dom de transformá-la numa garotinha risonha, dengosa, bajuladora, louca para gastar o dinheiro tão suado em presentes supérfluos para o “seu homem” e vestidos justos e provocantes para si mesma. Hoje, mal passa das cinco, e o rosto dela já está corado de expectativa enquanto se produz para o tal jantar, sem dúvida tendo passado a última meia hora escolhendo o que vestir. Puxando para trás os cabelos louros com permanente e luzes recém-feitas, está agora experimentando um penteado exótico e me pedindo para fechar o colar de falsos brilhantes – um presente de Dave – que ela jura serem verdadeiros. Suas curvas generosas mal cabem no vestido que a própria filha

de dezesseis anos não aceitaria usar nem em mil anos, e o comentário “coroa metida a broto”, que volta e meia escuto nos jardins dos vizinhos, ecoa nos meus ouvidos.

Fecho a porta do quarto e me recosto nela por alguns momentos, apreciando o pequeno espaço acarpetado que é só meu. Nunca foi um quarto, apenas um canto usado como despensa com uma janela sem cortinas, mas consegui enfiar uma cama dobrável nele há três anos, quando me dei conta de que dividir um beliche com irmãos tinha sérias desvantagens. É um dos poucos lugares onde posso ficar totalmente sozinho: sem alunos com olhares maldosos e sorrisos irônicos; sem professores me bombardeando de perguntas; sem corpos berrando e me empurrando. E também disponho de um pequeno oásis de tempo antes de nossa mãe sair com o namorado, o jantar ter que ser preparado e começarem as brigas sobre comida, deveres de casa e a hora de dormir.

Solto a mochila e o blazer no chão, descalço os sapatos e sento na cama apoiando as costas à parede, os joelhos dobrados à minha frente. O quarto, geralmente bem arrumado, ainda exhibe todos os sinais frenéticos de alguém que não ouviu o alarme tocar: o despertador atirado no chão, a cama desfeita, a cadeira coberta de roupas de dormir, o chão atulhado de livros e papéis derrubados das pilhas na escrivaninha. As paredes descascadas são vazias, salvo por uma pequena foto de nós sete, tirada durante nossas férias anuais em Blackpool, dois meses antes de meu pai ir embora: Willa, ainda bebê, no colo de nossa mãe, Tiffin com o rosto sujo de sorvete de chocolate, Kit pendurado num banco de cabeça para baixo e Maya tentando levantá-lo. Os únicos rostos nítidos são o meu e o de meu pai – com os braços nos ombros um do outro, sorrindo para a câmera. Raramente dou uma olhada na foto, apesar de tê-la salvado da fogueira de minha mãe. Mas gosto de senti-la perto de mim, como um lembrete de que aqueles dias felizes não foram apenas fruto da minha imaginação.